

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário do Sul

Class.: TCR 00176

Data: 12.09.88

Pg.: _____

A importância dos Tikuna

Antonio Hohlfeldt
Fundador da Associação Nacional de Apoio ao Índio (ANAI), vareador pelo PT em Porto Alegre

Exatamente há vinte anos, em 1968, dezenas de índios Cinta-Larga, no Paralelo Onze, nos confins da Rondônia, foram assassinados em emboscada preparada a mando de fazendeiros locais. No início deste ano, mais exatamente a 28 de março, uma nova chacina de indígenas, desta vez os Tikuna, ocorreu na foz do Igarapé Capacete, no município de Benjamin Constant, no Amazonas, localidade onde, aliás, a Pontifícia Universidade Católica mantém um campus avançado, onde o chamado Projeto Rondon desenvolve atividades mas onde, mais do que nunca, os índios continuam desassistidos.

A história dos Tikuna é curiosa, contraditória e ao mesmo tempo admirável. Constituem eles, hoje, o grupo indígena brasileiro mais numeroso, quase vinte mil índios, distribuídos em 69 aldeias. Boa parte deles está absolutamente aculturada, tem até carteira de identidade, são eleitores, alguns vão até ser candidatos no próximo pleito municipal de novembro vindouro. Ao mesmo tempo, possuem terras ricas em minérios e madeira, o que desperta a imensa cobiça do homem branco que, com a omissão ou até mesmo a conivência da Fundação Nacional do Índio, acaba dizimando o grupo, através do puro e simples assassinato como aquele ocorrido em março ou, mais sutilmente, por ouvir o índio falar português e integrar-se à comunidade brasileira, pretende que ele tenha deixado de ser índio, e portanto, perdido o direito às suas terras imemorais.

Os Tikuna aguardam a demarcação de suas terras pelo menos desde 1985, quando a FUNAI e o MIRAD concluíram os estudos técnicos. Mas as pressões dos grupos econômicos, a intromissão dos políticos locais interessados em garantir os votos com o beneplácito daquele mesmo poder econômico, o desinteresse absoluto da Nova República em cumprir um mínimo que seja das promessas feitas durante a campanha de Tancredo Neves, têm levado a situação indígena a momentos de conflito como este, colocando a demarcação das terras indígenas no mesmo descompasso de espera que vitimou a Reforma Agrária.

O mais grave é que o episódio de março deste ano pode repetir-se exatamente em face da omissão das autoridades, do governo e da não penalização dos culpados. Logo após o massacre, ante o clamor da opinião pública, o governo enviou a Polícia Federal para a área. Uns poucos assassinos foram presos. Mas a partir daí, o processo judicial foi

desclassificado da Justiça Federal para a Justiça Comum, os presos libertados, o processo continua incompleto e não se sabe quando haverá julgamento, se houver e, neste caso, se alguém será punido.

A partir desta constatação, o Centro de Documentação e Pesquisa do Alto Solimões — Magüta — iniciou a mobilização pública da opinião nacional, de que o ato realizado na última quinta-feira, no âmbito do Plenarinho da Assembléia Legislativa, além do pronunciamento feito pelo cacique (Capitão) Pedro Inácio Pinheiro Tikuna, no plenário da Câmara Municipal, foi uma etapa. Ato semelhante ocorreram na Câmara Federal, em Brasília, no Rio de Janeiro, em Vitória, e ainda em outras capitais. Desenvolve-se também um projeto de recolhimento de assinaturas de pessoas apelando para que o Presidente da República interceda pessoalmente, ou seu Ministro da Justiça, aliás, gaúcho, para que se encaminhe uma solução: o julgamento dos culpados e a demarcação das terras indígenas.

O movimento Magüta tem a seu favor um significativo saldo de realizações, apostando especificamente num projeto de educação bilingüe, de que resultou a edição, em 1985, do livro bilingüe "Nosso Povo", com verbos do Ministério de Educação e Cultura, dentre outras instituições, hoje adotado pelos cerca de 150 professores bilingües indígenas Tikuna como livro-texto para alfabetização também bilingüe. Ou seja, com absoluta consciência — que repete em parte o processo da chamada Revolução Cultural chinesa — os Tikuna valem-se do processo educacional como meio para o soerguimento de sua cultura, a redescoberta e reafirmação de sua identidade e, sobretudo, seu brado de liberdade e auto-afirmação. O que, evidentemente, não agrada aos burocratas da FUNAI, que chegaram a demitir as lideranças desses mestres, organizados em uma associação, sob a desculpa de que eles pretendiam desrespeitar o regimento interno estabelecido pela FUNAI, criando o seu próprio, esquecendo-se o presidente do órgão, que está ali para trabalhar COM os índios, e não CONTRA eles.

Disse, antes, que a história dos Tikuna é contraditória e dramática. Este grupo, nos últimos anos, tem aumentado sua população, mas, ao mesmo tempo, sofrido algumas invasões comuns, como o movimento messiânico da Santa Cruz, desenvolvido por um branco, ao que parece paulista, de nome José Francisco da Cruz. Ao mesmo tempo, os Tikuna têm-se demonstrado como dos mais dinâmicos, menos propensos a aceitar as ordens da Funai e, sobre-

tudo, mais decididos a preservar sua cultura e a reivindicar uma democratização em suas relações com o órgão tutor. Sobretudo, na palavra do próprio Pedro Inácio que nos visitou; "pode ser que os índios morre tudo, mas nem com um milhão de dinheiro, vamos entregar nossa terra ao homem branco".

Ainda na boca de Pedro Inácio, ouvimos, na última quarta-feira, um patético apelo aos brancos: "Se vocês querem matar o índio, não faz isso aos pouquinhos, matando de um em um deixando os outros sofrer. Faz igual como a formiga, esmaga tudo de uma vez só e acaba com o índio no território brasileiro".

A leitura atenta da mitologia Tikuna, registrada a partir dos relatos orais dos mais velhos e depois transcrita na letra de imprensa através do livro "Nosso Povo", demonstra que se trata de uma cultura complexa, absolutamente independente, diferenciada de outras tantas culturas indígenas. A manutenção destas narrativas coloca-os, como é comum em tais cultos, como o povo único e principal (e em relação aos outros, são os melhores, tal como acontecia com gregos e romanos, que aos demais consideravam "bárbaros"). Seu orgulho enquanto nação, contudo, não os coloca na tentação de dominar outros povos, ou mesmo vingarem-se do que têm sofrido pelos brancos.

Na palavra de Pedro Inácio, "isso até era fácil: a gente juntava uns dez mil índios e matava o homem branco na cidade, pegando tudo de supetão". O que querem os índios, apenas, é o direito à vida, o reconhecimento à sua cultura e a autonomia por parte da Funai. O que querem os Tikuna, por isso mesmo, é algo que diz muito a nós, ainda que estejamos a milhares de quilômetros de distância. A Constituinte, que perdeu uma boa oportunidade de garantir a multi-racialidade do Brasil, a exemplo do que faz a constituição da Nicarágua, ao menos poderia ter avançado um pouco mais quanto aos direitos indígenas. Contudo, uma vez mais, a pressão política dos morubixabas locais, e o interesse dos grupos financeiros nacionais e internacionais, impediram outros avanços além daqueles do primeiro turno.

Quanto a nós, que lutamos pelos direitos de todo o cidadão, só nos resta indagar até que ponto podemos, nós, os brancos, falar numa democracia plena enquanto assassinos de índios continuarem livres e assassinatos semelhantes continuarem a ocorrer, sem que as chamadas autoridades constituídas tomem qualquer providência. É impossível pensar-se em democracia enquanto os índios somem de nosso território...